

4

Ivy

Levo menos de quinze minutos para perceber que cometi um erro imenso.

No começo, a única coisa que sinto enquanto Cal sai do estacionamento do Colégio Carlton é alívio. Meus pensamentos são tão brilhantes e ensolarados quanto o clima ameno de setembro: *Estou livre! Não preciso escutar o discurso de posse do Boney! Não tenho que aturar os olhares de pena dos meus amigos e professores! Ninguém vai me provocar dizendo que, apesar de eu não ser mais representante de turma, posso cair de boca no seu membro viril sempre que quiser!* Cal coloca uma playlist cheia das músicas pop alternativas que nós dois amamos, e ficamos conversando sobre música, filmes e para onde devemos ir primeiro.

Mas então os temas mais fáceis de conversa acabam e, quando olho no espelho retrovisor para ver se Mateo quer participar do papo, vejo que ele caiu no sono no banco de trás. Ou talvez só esteja fingindo; ele sempre disse que fica enjoado quando dorme no carro. Ai, meu Deus. Será que ele já se arrependeu de ter vindo?

Começo a ficar paranoica: E se a escola ligar para os meus pais para confirmar minha falta? Não consigo lembrar do número que está no meu cadastro. Ainda temos um telefone fixo em casa, porque ele vem com o pacote de TV a cabo, mas nunca o usamos. Se a escola ligar para esse número, vai ficar tudo bem — meu pai o desconectou anos atrás, para evitar ligações de telemarketing —, mas se usarem o celular de um dos meus pais, estou ferrada. O embarque do voo só começa às onze horas do nosso fuso, então

há tempo de sobra para conseguir falar com eles, que vão ficar absurdamente decepcionados comigo.

Mesmo que a escola não ligue, algum professor pode comentar alguma coisa com Daniel sobre eu estar doente. Ele não vai saber que deve mentir, e mesmo que soubesse, verdade seja dita: ele não me ajudaria. Meu irmão adora me ver passando vergonha. Será que eu devia mandar uma mensagem para ele mesmo assim e tentar comprar seu silêncio? O que posso oferecer? Tênis? Até parece que tenho cem dólares sobrando para comprar o par de edição limitada da Nike que ele quer no momento, seja lá qual for.

Será melhor mandar uma mensagem para os meus amigos? Pego o celular e já encontro uma da minha melhor amiga, Emily. *Cadê você? Ficou doente?* Nenhuma de nós nunca faltou desde que começamos a andar juntas no primeiro ano do ensino médio, então este é um evento inédito, mas com certeza é o tipo de coisa que avisaríamos uma à outra.

Meu coração acelera de um jeito desconfortável. O que foi que meu pai disse hoje cedo? *A única coisa que você pode fazer é manter a cabeça erguida.* Estou seguindo na contramão desse conselho. Eu fugi, me escondi, deixei bem óbvio para todo mundo no Colégio Carlton que Boney me venceu de todas as formas possíveis.

Está tão quente aqui dentro. Não tem vento. O ar-condicionado está ligado? Olho para o painel do carro, para o meu celular, para Cal, para a janela, depois me viro no banco para encarar Mateo. Seus olhos continuam fechados, mas ele murmura:

— Três... dois... um...

Isso interrompe meu monólogo interno apavorado.

— Oi? — pergunto. — Achei que você estivesse dormindo.

Ele abre os olhos e encontra os meus.

— Crise.

— Como é? — pergunto, surpresa.

— Você. Entrando em crise por matar aula. Bem na hora.

— Eu não estou entrando em crise! — rebato. Não sei se fico irritada por ele ter fingido que dormia enquanto eu conversava com Cal ou porque ele conseguiu entender meu estado mental mesmo com os olhos fechados. — Nem falei nada.

— Não precisava. — Mateo boceja e passa a mão pela cabeça, bagunçando o cabelo escuro. — Dava pra ouvir você pulando no banco.

— Eu não estava *pulando*...

— Gente, para com isso! — A voz de Cal carrega um tom de alegria desesperada enquanto ele sai da estrada. — A gente vai se divertir, sério. E ninguém vai descobrir. Já teriam ligado se houvesse algum problema.

Acho que isso não é necessariamente verdade. Mas não quero ser acusada de *entrar em crise* de novo, então a única coisa que digo é:

— Aonde você está indo?

— Pensei em começarmos pelo Quincy Market. Tem onde estacionar e um monte de lugares pra comprar comida e tal. E o aquário fica perto, se quisermos dar um pulo lá. Pra ver os pinguins, talvez.

— Pinguins? — repito.

— Eu gosto de pinguins. — A voz de Cal soa ansiosa, quase hesitante. — Gostava, pelo menos. Ainda devo gostar. Esse parece ser o tipo de coisa que nunca muda, mesmo se você passar muito tempo sem ver um pinguim.

Ainda estou virada para Mateo, e trocamos um olhar, brevemente unidos em nossa confusão.

— Acho que não? — sugiro.

Não sei se foi a resposta certa, porque Cal solta um suspiro pesado.

— Vamos ver.

Mateo tamborila os dedos sobre o joelho, inquieto.

— Eu trabalho lá perto — diz.

— É? Onde? — pergunta Cal.

— No Garrett's. É um bar.

— Você pode trabalhar num bar com dezessete anos? — pergunto.

— Se eu não servir bebidas alcoólicas, sim.

— Mas fica meio longe de Carlton, né? — comenta Cal.

Mateo dá de ombros.

— Venho de metrô. E o salário é bem melhor que o dos lugares perto de casa. Vale a pena.

O trânsito fica mais congestionado conforme nos aproximamos de Faneuil Hall e, enquanto Cal se concentra na direção, discretamente analiso Mateo. Ele está usando uma camisa cinza do Strike-se, o logotipo tão desbotado que eu jamais o identificaria se não tivesse passado metade da vida olhando para ele na lateral de um prédio. Meu peito aperta e me arrependo de ter sido tão ríspida com Mateo.

— Como vai a sua família? — pergunto. — O que Autumn anda fazendo?

— Trabalhando muito — responde ele.

Não sei se isso envolve faculdade, mas não quero perguntar; pode ser um assunto polêmico.

— Ela continua com o...

Não consigo lembrar o nome do garoto, apesar de conseguir visualizá-lo nitidamente na minha cabeça. Ele era um dos caras do último ano que adorava agarrar a virilha sempre que eu pas-

sava no corredor depois do desastre no show de talentos.

— Com Gabe Prescott? — Mateo faz cara de quem engoliu carne podre. — Continua. Infelizmente.

— Que casal esquisito — comenta Cal. — Gabe não foi eleito *Mais Capaz de Cometer um Crime e Sair Impune?*

O Colégio Carlton tinha abolido as premiações clássicas do anuário do último ano, como *Mais Bonito* e *Mais Chances de Ser Bem-sucedido*, alegando que eram “classificações nocivas”, então os formandos agora tinham sua própria lista clandestina de categorias, que mudava todo ano. Sinceramente, tenho um pouco de medo do título que posso ganhar quando me formar. Isso, sim, vai ser uma classificação nociva.

— Não — responde Mateo. — Ele foi eleito *Mais Capaz de Perder um Reality Show*.

Eu rio, porque essa foi uma categoria boa, e provavelmente certa. Mas a expressão de Mateo nitidamente diz *Próximo assunto, por favor*, então pergunto:

— E como vai sua mãe?

— Ela está bem. Melhorando — diz ele, sucinto.

— Achei péssimo o Strike-se ter fechado — comenta Cal. — Meus pais acharam que os DeWitt perderam a noção. Patrick não quebrou nem um osso, né?

— Ele deslocou o ombro — diz Mateo.

— Bom, ele voltou a jogar lacrosse — acrescenta Cal, como se isso resolvesse a questão.

Ai, meu Deus. Eu devia ter imaginado que o assunto surgiria, e não quero mesmo falar disso. Antes que eu consiga pensar em como mudar o rumo da conversa, Mateo pergunta:

— Como está indo o Centro de Entretenimento Carlton, Ivy? O CEC? — Os lábios dele se curvam ao dizer a sigla. — É esse o

nome que seu pai usa, né?

Muda de assunto. Muda de assunto. Mas minha mente não funciona.

— Bem, eu acho — digo em um tom despreocupado. — Não sei muito sobre os projetos dele, então...

— Mas imagino que você saiba mais do que eu.

Mateo se inclina para a frente, esticando o cinto de segurança, seus olhos escuros encarando os meus, e não consigo fugir. Eu tinha me esquecido do quanto seu olhar consegue ser penetrante, como se ele enxergasse profundezas que você nem sabia que existiam na sua alma. Isso era inquietante quando eu tinha treze anos, e é pior ainda agora.

Vou admitir: Mateo foi o primeiro garoto de quem gostei. Passei metade do nono ano sonhando com ele, mas me fingindo de desinteressada, tendo certeza absoluta de que ele não sentia a mesma coisa por mim. E então, em um dia em que Cal não estava com a gente, nos beijamos. Foi a maior emoção da minha vida, tirando que nunca mais tocamos no assunto. Minha única conclusão foi que ele se arrependeu e preferiu que continuássemos sendo só amigos, e tentei me convencer de que estava tudo bem. Mas era horrível fingir que eu não me importava, e o clima ficou muito esquisito. Nosso trio acabou seguindo rumos diferentes logo depois.

De repente, eu daria de tudo para estar assistindo à aula de história do primeiro tempo, sentada ao lado de Emily, mesmo sabendo que o discurso de Boney viria em seguida. Eu me remexo no banco, então me obrigo a ficar parada. Quase pareceu que eu estava pulando, e não quero que Mateo perceba que esse assunto me incomoda.

— Provavelmente — respondo. — Você, hum, quer saber de

alguma coisa específica?

— Na verdade, não — diz Mateo, se recostando no banco e olhando para a janela. Seu rosto anguloso, antes tenso, agora volta a ter um ar cansado. — Não é como se isso fosse mudar alguma coisa.

— Ah, maneiro! — exclama Cal. — Esse estacionamento tem vaga. Vou parar aqui.

Não sei se ele está ignorando a tensão no carro ou se é um motorista tão concentrado que nem percebeu o clima. Eu me viro para a frente, e ficamos em silêncio enquanto Cal pega um tíquete na entrada e sobe os quatro andares do estacionamento, finalmente encontrando uma vaga na cobertura a céu aberto.

— Podemos deixar nossas coisas na mala, se vocês quiserem — sugere ele ao desligar o motor e puxar o freio de mão.

Eu me sinto enjoada de verdade agora, como se realmente devesse estar deitada no meu quarto escuro, me recuperando de uma doença. Quase pergunto a Cal se ele pode me levar de volta, mas basta olhar para seu rosto esperançoso enquanto ele tira a chave da ignição para essa ideia ir por água abaixo. Estou aqui, então posso muito bem tomar um café antes de convencê-lo a encerrar o passeio mais cedo do que o esperado.

— É, pode ser — respondo, tirando uma bolsa pequena da mochila. Guardo a carteira, o celular e os óculos escuros dentro dela, depois a penduro no ombro e abro a porta do carro.

Voltamos a cair em um silêncio desconfortável enquanto nós três jogamos as mochilas na mala e saímos do estacionamento. Parte da mágica do Dia Mais Feliz da Vida era termos encontrado uma comemoração enorme para o Red Sox. Acaba de me ocorrer que, se a diversão tivesse ficado apenas por nossa conta, provavelmente teríamos dado meia-volta e retornado para o auditório.

E nunca seríamos amigos.

— Então... vamos tomar um café? — pergunto. — Tem alguma Starbucks por aqui?

— Sei lá, mas... — Cal olha ao redor. — Tem um lugar que gosto de ir com uma amiga. É meio longe, se vocês não se importarem de andar um pouco.

— Tudo bem.

Eu o sigo pela calçada, ao mesmo tempo em que pego o celular. Enquanto caminho, passo rápido por uma lista de novas mensagens, soltando um suspiro de alívio ao ver que nenhuma é dos meus pais ou da escola. Ainda preciso configurar um alerta para o voo dos meus pais, então faço isso e vejo que o embarque está marcado para as oito no horário de São Francisco, o que significa que ainda falta mais de uma hora.

Rezo em silêncio para meus pais nunca descobrirem que matei aula, para nada roubar o foco da grande noite da minha mãe. Eu devia ter pensado nisso quando concordei em fingir que estava doente, mas ainda posso voltar atrás. Vou tomar o café, pedir a Cal para me levar de volta para a escola e dizer para a enfermeira que eu estava enjoada, mas já me sinto melhor.

E então, como num passe de mágica, me sinto melhor *mesmo*. Nada como ter um plano. Respiro fundo e volto para as mensagens.

Emily: Alôôôô, tem alguém aí?

Emily: Bueller? Bueller?

Sorriso enquanto paramos em um sinal. Emily anda viciada em filmes dos anos 1980.

Daniel: *Emily está me perguntando cadê você.*

Daniel: *Você matou aula?*

Daniel: *M&P vão ter um treco.*

Eu enrijeço e quase respondo *É melhor você ficar quieto*, mas me controlo. Porque, se eu fizer isso, é óbvio que ele vai me dedurar. Voltarei para a escola antes do horário do almoço, e vai ser como se nada tivesse acontecido. Tomara.

Estou prestes a guardar o celular para me juntar à conversa, quando outra mensagem surge na tela:

Emily: **Boney também faltou.**

Emily: **VOCÊS ESTÃO JUNTOS.**

Emily: **Brincadeira. Sei que não estão.**

Emily: **Né?**

Franzo a testa para o aparelho. Emily deve ter se enganado. Boney vai fazer o discurso de posse daqui a pouco, então deve estar lá em algum lugar. Começo a digitar uma resposta, mas alguém puxa meu cotovelo.

— Ivy — chama Cal.

— O que foi?

Olho para cima, me dando conta de que não faço a menor ideia de onde estamos. Os prédios ao nosso redor agora têm uma aparência mais industrial do que antes.

— A fila está imensa — avisa Cal, gesticulando para uma cafeteria do outro lado da rua. Ele tem razão; a fila sai pela porta e se espalha pela calçada. — Vocês querem ir a outro lugar primeiro?

Quero ir pra casa, penso, mas, por algum motivo, as palavras não saem.

— Tipo onde? — pergunto.

— Pinguins — diz Mateo ao mesmo tempo.

Cal e eu nos viramos para encará-lo, e ele aponta para a esquerda.

— O Aquário fica pra lá. Achei que você queria muito ir, Cal.

— Ah, é, verdade — diz Cal; sua expressão, no entanto, fica um pouco séria. — Mas a gente não precisa ir agora nem nada. — O sinal abre para nós, e atravessamos a rua no automático, com Cal nos guiando para algum lugar misterioso. — Eu só queria... Acho que estou passando por uma pequena crise. Não tem nada a ver com os pinguins.

— Não achei que tivesse — respondo.

Ao mesmo tempo, Mateo brinca:

— Os pinguins nunca têm culpa de nada.

Eu rio, mas Cal fica quieto, então me controlo.

— Qual é o problema? — pergunto.

Ele puxa a barra da camisa. A peça é azul e de botões, com bolinhas verdes discretas — não chega nem aos pés das estampas chamativas que ele usava no ensino fundamental, mas continua sendo mais interessante do que as roupas dos garotos do Colégio Carlton. O senso de moda colorido de Cal não foi herdado de nenhum dos seus pais. Wes e Henry adoram suéteres de gola redonda e calças cáqui e amam paletas neutras.

— Coisas do coração — responde ele. — Vocês sabem como é. Ou talvez não. Vocês estão ficando com alguém?

A pergunta me pega desprevenida, apesar de ser um assunto completamente natural entre velhos amigos. Por um instante, fico com vontade de contar a eles sobre Angus MacFarland, o menino com quem eu saía na Escócia durante o verão. Mas até eu preciso admitir que ele parece inventado.

— Agora, não — digo.

Mateo não responde, e Cal insiste:

— E você, Mateo? Fiquei sabendo que está saindo com Carmen Costa.

Meu estômago se embrulha de um jeito desconfortável. Não quero saber do namoro de Mateo com Carmen Costa, que deve ser perfeito, porque Carmen é ótima. Ela até veio falar comigo ontem, depois que o resultado da eleição saiu, para dizer que votou em mim, apesar de a maioria das pessoas já ter começado a me tratar como se eu fosse radioativa.

— Não mais — responde Mateo, e levanto as sobrancelhas, surpresa.

— Desde quando? — pergunta Cal.

— Desde o verão.

Espero por uma explicação, mas ele para no meio da calçada e leva as mãos ao quadril enquanto nos encara. A cada passo que damos, os prédios ficam mais feios e pichados.

— Cal, aonde estamos indo? — pergunta.

— Ahn? — Cal pisca, como se bolar um novo roteiro não tivesse passado pela sua cabeça. — Ah, bom... Acho... gosto de ir numa loja de materiais artísticos que fica aqui perto. Querem passar lá?

— Por mim, tudo bem — diz Mateo. — Ivy?

— Tá bom — respondo, apesar de haver uma infinidade de coisas que eu preferia fazer em vez de ficar olhando Cal escolher entre dezessete tons de lápis verde. Mas vou me sentir menos culpada por abandoná-lo depois disso.

Voltamos a andar em silêncio, até minha necessidade por informações vencer minha necessidade de parecer indiferente e descolada.

— Então, Mateo. O que aconteceu com você e a Carmen?
Ele dá de ombros.

— Só deu o que tinha que dar. Eu comecei a trabalhar muito, e ela passava o tempo todo com os amigos, então a gente não se via. Depois de um mês assim, nós nos encontramos e ela disse: “Parece até que a gente terminou.” E eu disse: “Pois é.” E ela disse: “Talvez a gente devesse fazer isso.” E eu disse: “Tudo bem.”

Seu rosto permanece impassível, e não sei se ele está se fazendo de calmo ou se a situação foi realmente tranquila desse jeito.

Cal também parece incrédulo.

— Sério? Só isso?

Mateo concorda com a cabeça, e Cal suspira.

— Bom, pelo menos ela não te deu um fora no Galáxia Veggie.

Espero Cal acrescentar algum contexto para essa declaração, mas, antes que isso aconteça, Mateo concorda com a cabeça com um ar sábio.

— Repito isso pra mim mesmo todos os dias.

Eu rio e noto a expressão desanimada de Cal.

— Espera, isso aconteceu com você?

— Aconteceu — afirma ele. — Logo depois da Noemi me dizer que sou um robô que segue a vida no automático. — Solto um resmungo solidário, e ele acrescenta: — Está tudo bem. Isso me deu a chance de conhecer alguém que tem mais coisas em comum comigo. A gente não está, tipo, namorando oficialmente nem nada, mas... ela me faz bem. — Ele engole em seco, quase parecendo nervoso. — Acho.

— Você acha? — pergunto.

Este parece o início do tipo de conversa que eu vivia tendo com Cal, quando ele precisava de conselhos, mas não sabia como pedir.

Porém, antes de eu conseguir pressioná-lo, um borrão tie-dye

do outro lado da rua chama minha atenção. No começo, acho que é minha imaginação; não tem como ser a mesma porcaria de estampa que me dá pesadelos desde o debate entre os candidatos para representante de turma na semana passada. Mas, quando me concentro na estampa e vejo que ela está acompanhada de um cabelo com corte *faux hawk* e mechas azuis familiares, paro de andar e seguro o braço de Cal, ficando-o no lugar. Não há como negar.

— Gente, espera — digo, apontando para a pessoa do outro lado da rua. — Vocês estão vendo aquilo? — Mateo também para, se virando com um olhar questionador. — Que diabos *Boney Mahoney* está fazendo aqui?

LABORATÓRIO DE MÍDIA DO COLÉGIO CARLTON

Dois garotos estão sentados a uma mesa curvada de metal; um monitor de tela grande entre os dois exibe as palavras A VOZ DE CARLTON. A frente da mesa está coberta por um pôster estampado com a mascote da escola, o Puma da Carlton. O primeiro garoto, se inclinando para a frente com uma animação quase incontrolável, é magrelo, tem cabelos escuros cacheados um pouco compridos e olhos grandes que dão um falso ar de inocência; o segundo tem ombros largos, cabelo curto e uma postura que pareceria relaxada se ele não ficasse mexendo o tempo todo na caneta que segura.

GAROTO 1: E aí, Colégio Carlton? Aqui quem fala é Ishaan Mittal, e... *(Olha para o outro garoto.)*

GAROTO 2, *baixando a caneta:* Aqui é Zack Abrams. Nosso plano hoje era fazer uma análise da reunião de turma e do discurso de posse do novo presidente, só que não dá pra fazer isso, porque...

ISHAAN, *se inclinando para a frente e colocando as palmas da mão na mesa para dar mais ênfase:* Porque o cara não apareceu!

ZACK, *baixinho:* Ishaan, eu não tinha... Eu ia chegar nessa parte.

ISHAAN, *sem prestar atenção*: Hoje de manhã, o polêmico novo presidente da turma do último ano do Colégio Carlton, Boney Mahoney...

VOZ DO PROFESSOR, *fora da câmera*: Usem os nomes de verdade, pessoal. E dizer só “o novo presidente da turma do último ano” é suficiente.

ISHAAN: Hoje de manhã, o novo presidente da turma do último ano do Colégio Carlton, Brian Mahoney, fez piada da sua eleição, dando um bolo na escola inteira...

VOZ DO PROFESSOR: Mais imparcialidade, por favor. Que tal a gente fazer um resumo da eleição e depois falar sobre a reação dos alunos sobre a reunião de classe?

ZACK: Tipo assim, no geral, as pessoas ficaram felizes por não precisarem escutar o discurso do Boney.

ISHAAN: Com todo respeito, Sr. G., a eleição já saiu de foco. Ninguém quer escutar um resumo. A pergunta que não quer calar é: Em que porra de buraco Boney se meteu? (*Lança um olhar penetrante para a câmera.*) Ontem, ele prometeu que nos guiaria para o futuro. Mas hoje...

ZACK: Ele não deve ter escutado o despertador.

ISHAAN: Ele prometeu que deixaria a gente em paz se fosse eleito. Só que ninguém achou que fosse uma promessa tão literal.

SR. G., dando um suspiro cansado: Vamos lá, pessoal. Vocês conhecem as regras. Nada de palavrões, nada de apelidos, nada de suposições.

ZACK, baixinho: Nada de diversão.

ISHAAN, se recostando na cadeira e escorregando para baixo: Este programa é um desperdício dos meus talentos.